

THE FEAR OF ISLAM

O MEDO DO ISLÃ

FELIPE FREITAS DE SOUZA

GREEN, Todd H. *The fear of Islam: an introduction to islamophobia in the West*. Minneapolis: Fortress Press, 2015. 362 p. ISBN 978-1-4514-6549-5

O crescimento da islamofobia pós-11 de Setembro é constante nos países identificados enquanto integrantes do Ocidente. Apesar da existência de leis que protegem a liberdade religiosa na maioria das nações europeias e das Américas, proliferam relatos de agressões físicas e *online* sofridas por membros de comunidades muçulmanas. É na discursividade manifesta contra os muçulmanos que se apreendem os alicerces que constroem a islamofobia em uma dada formação cultural, os quais são identificados na obra *The fear of Islam* (ou “O medo do Islã”) como a crença de que os muçulmanos constituem um grupo monolítico, sem variações internas, reforçada pela ideia de que são bárbaros e que possuiriam uma misoginia inerente. O livro de Todd Green, professor associado de religião no Luther College em Decorah (Iowa), é resultado de suas pesquisas

sobre islamofobia, as quais convergem na presente obra em uma visão panorâmica do campo estadunidense e inglês, o que permite delinear parte significativa da discussão internacional sobre a temática.

Em sua Introdução, o autor aponta que os Estados Unidos e os países da união europeia possuem em comum a desconfiança de que os muçulmanos não podem ser integrados às sociedades ocidentais. O motivador para tal desconfiança está na islamofobia, sendo ela compreendida enquanto medo, ódio ou hostilidade frente aos muçulmanos e ao Islã. A obra tem enquanto fio condutor a investigação sobre os mecanismos de propagação da islamofobia nos níveis simbólicos, culturais e institucionais a partir das perspectivas histórica e sociológica.

O Capítulo *O que é Islamofobia?* aborda a historicidade do conceito e

algumas de suas acepções. A primeira aparição da palavra islamofobia foi em 1918 como *islamophobie* (do francês), usada pelo pintor Etienne Dinet. Neste capítulo critica-se a ideia de que o preconceito é somente contra o Islã, mas também é específico contra muçulmanos. Entretanto, o autor indica que algumas ações são efetivamente contra o Islã, vilificando a religião, enquanto outras são anti-muçulmanos, desprezando-os por outras características que não só as religiosas – como o pertencimento a outro país ou continente, a questão migratória, a filiação a uma cultura “atrasada”, etc. O autor também nos remete ao *Runnymede Report*, documento do Runnymede Trust, instituição britânica que investiga a islamofobia enquanto um dos desafios a serem superados em prol de uma sociedade democrática. O documento, que é pré-11 de Setembro, já afirmava que a ocupação sionista na Palestina, a Revolução Iraniana de 1979 e o Caso Rushdie contribuíram para uma visão negativa dos muçulmanos na Inglaterra. Enquanto contribuição para a reflexão contemporânea, tal relatório trouxe elaborações sobre as visões “fechadas” do Islã, compostas dos seguintes elementos: 1) o Islã é

monolítico, estático; 2) o Islã é estranho; 3) o Islã é inferior; 4) o Islã é nosso inimigo; 5) o Islã é manipulador, existindo uma conspiração islâmica contra nós; 6) a discriminação contra muçulmanos é justificada; 7) o criticismo dos muçulmanos ao Ocidente é inválido; e que 8) o discurso anti-muçulmanos deve ser naturalizado. Finalizando o capítulo, discute-se a o quanto esses elementos são racistas, aproximando-se os termos islamofobia e antissemitismo.

No Capítulo *Os Fundamentos Históricos da Islamofobia*, argumenta-se a existência de certa continuidade de representações negativas sobre os muçulmanos na história ocidental, remetendo aos primeiros contatos entre cristãos e muçulmanos na Idade Média. Afirma-se ainda que os muçulmanos apresentaram uma maior aceitação das diversidades religiosas do que os cristãos, existindo mais a contribuição do que o conflito entre muçulmanos e cristãos no tocante às tradições filosóficas e científicas. O autor chega a afirmar que “(...) não há conflito *inerente* entre o Ocidente e o Islã. Antes de qualquer coisa, o Ocidente não seria o Ocidente sem as contribuições islâmica e árabe.” (p.44 – grifo do autor) Todavia, o

surgimento de grupos muçulmanos que desafiaram os poderios colonialistas e imperialistas levou ao crescimento das representações anti-muçulmanos.

O Capítulo *Colonialismo, Orientalismo e o Choque de Civilizações* dá continuidade à discussão do capítulo anterior. Inicia lembrando-nos que muitos países africanos e asiáticos só se libertaram dos colonialismos em pleno século XX, de maneira que não devemos subestimar o impacto dos colonialismos nas representações dos colonizados sobre os colonizadores. O colonialismo em si é indicado pelo autor enquanto um obstáculo gerado pelos próprios colonizadores para a efetiva integração. Os estudos orientalistas também cresceram durante o colonialismo, justificando o domínio sobre os muçulmanos que supostamente rejeitariam, nas palavras de Ernst Renan, o “espírito europeu”. O orientalismo surge então como discurso no sentido foucaultiano: mobilizando conhecimentos e poderes, o europeu produziria conhecimentos sobre os povos dominados sem ter de tratá-los enquanto interlocutores, mas como espécimes exóticos. Todavia, o autor distingue o Orientalismo,

fundamentado academicamente, da Islamofobia, postura que perpassa diferentes campos de produção simbólica que não só o acadêmico. Enquanto derivação do orientalismo, tem-se a retórica do Choque de Civilizações, desenvolvida por Samuel Huntington, e que tem continuidade em ideólogos islamofóbicos dentro e fora das universidades. O choque de civilizações traria à tona a ideia de que haveria uma descontinuidade violenta e belicista entre o “mundo islâmico” e o “mundo ocidental”, o que justificaria que o autoproclamado pacífico e civilizado Ocidente colonizasse e brutalizasse as demais populações, muçulmanas principalmente.

No capítulo *11 de Setembro, a Guerra ao Terror e a Ascensão da Islamofobia Política*, o autor indica a substituição do “Medo Vermelho” do Comunismo no período da Guerra Fria pela “Ameaça Verde” do Islã. Acirrando ainda mais os conflitos entre os países previamente colonizados e as potências imperialistas, o atentado de 11 de Setembro veio a justificar o neo-imperialismo sobre vários povos, utilizando-se da retórica do combate ao terrorismo. A ideia do choque de civilizações passa a ser mobilizada como a fundação ideológica da Guerra

ao Terror, guerra esta que tem um inimigo construído e politicamente, mais do que religiosamente, orientado. Será na justificativa religiosa que os islamofóbicos irão focar para afirmarem que existe algo essencialmente errado no Islã e nos muçulmanos que justificará que sejam convertidos, dominados ou hostilizados, doméstica ou internacionalmente. A islamofobia política justificaria tanto os ataques contra populações muçulmanas quanto as tentativas de democratização via intervenções militares em outros países. Esse conjunto de ideias foi articulado principalmente após o 11 de Setembro, sendo fortalecido por uma retórica considerada esvaziada e generalizante. O Caderno de Imagens, logo após esse capítulo, traz nove imagens que retratam o Orientalismo e a Islamofobia.

No Capítulo A “Ameaça Islâmica” na Europa Moderna tem-se um estudo do aumento da islamofobia na Europa, sendo a Inglaterra o foco principal. O aumento da população muçulmana migrante dos países previamente colonizados e a sucessão de eventos como o Caso Rushdie, o assassinato do cineasta Theo Van Gogh, os atentados a bomba em

Madrid e Londres e a controvérsia dos quadinhos dinamarqueses, todos contribuíram para se gerar uma ideia de um “inimigo interno” à Europa. As ações de indivíduos politicamente motivados para a violência, como nos eventos citados, são tomadas como expressões verdadeiras da fé de milhões de praticantes. Conclui-se que ignorar a “maioria silenciosa” que trabalha, que contribui e auxilia no desenvolvimento de uma dada sociedade, e focar no indivíduo violento isoladamente é uma das principais estratégias de perpetuação da islamofobia no continente europeu.

No Capítulo 6, *Islamofobia Profissional*, discute-se as implicações do fato dos muçulmanos não controlarem as narrativas públicas sobre o Islã. Nesse ínterim, surgirão os islamofóbicos profissionais, que são 1) políticos conservadores, 2) blogueiros e ativistas de Direita e 3) ex-muçulmanos que fazem carreira demonizando o Islã e os muçulmanos. Enquanto constante de cada um desses grupos está a mobilização de informações que exacerbam as ansiedades frente ao “Outro”, muçulmano. O autor cita agentes islamofóbicos desses setores na Europa e nos Estados Unidos, demonstrando

que é o medo do Islã e não a investigação e compreensão de sua complexidade que gera lucro financeiro e simbólico para os que se utilizam dessa estratégia.

O Capítulo *Muçulmanos na Mídia e no Cinema* estuda a difusão de estereótipos pela mídia e pela indústria cultural ao retratarem tão somente a violência e não toda a miríade de questões envolvendo a vida ou o cotidiano dos muçulmanos. Embasando-se em outras pesquisas, o autor indica que, quando se tratam dos muçulmanos, a mídia internacional foca as notícias que envolvem violência e misoginia, raramente abordando outros assuntos das comunidades. Também são analisados os muçulmanos em filmes hollywoodianos e séries para a televisão, apontando o reforço de generalizações negativas. Os poucos filmes que trazem uma imagem positiva dos muçulmanos são citados pelo autor a título de exceção. No geral, as representações midiáticas e cinematográficas são fantasiosas, reducionistas, generalizantes e pouco explanam sobre a religião e seus praticantes.

No Capítulo *Islamofobia e Suas Baixas* são relatadas as ações tomadas

contra os muçulmanos devido à ação terrorista de uma minoria estatisticamente ínfima. Os projetos de vigilância, a aceitação dos crimes de ódio (que também atingem pessoas que lembram os muçulmanos, como *sikhs*), as proposições contra o *hijab*, os conflitos que envolvem a construção de mesquitas e as propostas de deportações de muçulmanos são todas ações de agentes públicos que de certo modo institucionalizam a islamofobia. A islamofobia então toma corpo em ações políticas sistemáticas de discriminação, ultrapassando as ofensas particulares e embasando políticas governamentais.

O Capítulo *Combatendo a Islamofobia* é apresentado enquanto conclusão, trazendo entrevistas com pesquisadores da área: Keith Ellison, John Esposito, Myriam Francois-Cerrah, Marjorie Dove Kent, Ingrid Mattson, Dalia Mogahed, Eboo Patel e Tariq Ramadan. Esses convidados relatam suas esperanças no combate ao preconceito e preocupações sobre a islamofobia, indicando meios pelos quais muçulmanos e não-muçulmanos podem empreender para combatê-la. São identificados obstáculos políticos, como a ascensão da extrema-direita, e atitudinais, como a normalização do

discurso de ódio islamofóbico. Entretanto, ainda há perspectiva de que o combate contra a islamofobia possa ser bem-sucedido.

Finalizando o livro, um Apêndice com o perfil dos entrevistados, sucedido por um Glossário dos termos utilizados no livro e por uma seção de Leitura Adicional, contendo sugestões de obras sobre a islamofobia. Infelizmente, dos livros citados nessa seção de leituras adicionais, somente *Orientalismo*, de Edward Said, está traduzido para o português.

O livro se coloca então como uma síntese da trajetória histórica da islamofobia internacional, expondo suas principais características, origens culturais e mecanismos de propagação. Esse itinerário é percorrido traçando-se comparações entre Europa e Estados Unidos, comparações essas que poderão ser aplicadas às manifestações islamofóbicas no Brasil ou a outros países onde as populações muçulmanas sejam minoritárias. As análises sobre os grupos islamofóbicos também poderão servir-se dos elementos elencados no livro, fundamentando estudos de caso ou investigações qualitativas. Sua tradução seria bem-vinda por trazer

uma leitura panorâmica das principais questões com as quais os pesquisadores da islamofobia se defrontam.

FELIPE FREITAS DE SOUZA

Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e Pedagogo pela Universidade Estadual Paulista (Araraquara – SP). E-mail: felipefdes@gmail.com

Recebido em: 09/04/2017
Aprovado em: 01/08/2018